

Carta do editor

CONSCIÊNCIA CÍNICA

Um padrão de regularidade que se repete de modo menos ou mais implícito nos trabalhos apresentados neste número de *Linguagem & Ensino* é a dificuldade de se obter dados confiáveis dos sujeitos pesquisados. O que às vezes é aceito pelo pesquisador como um relato sincero dos sujeitos pode não corresponder ao que eles realmente pensam ou fazem quando não estão sendo observados ou questionados. As três citações abaixo, tiradas de três trabalhos apresentados neste volume, comprovam essa preocupação dos pesquisadores:

A impressão que ficava era de que a classe de modo geral procurava manter um “semblante”, uma “máscara” de correspondência às expectativas da professora, como se apenas importasse para os alunos dizerem a ela o que ela gostaria de estar ouvindo sobre as aulas que ministrava, fosse ou não verdade (Marcos Gustavo Richter em *Salvai-os porque eles sabem o que fazem ou da consciência cínica à autonomia no cotidiano escolar*).

De acordo com os resultados apontados acima, seria lícito dizer que as crenças dos sujeitos deste estudo não refletem seus comportamentos efetivos, ou seja, eles não são capazes de transpor suas percepções para a prática (Adriana de Dellagnelo e Lêda Maria Tomitch em *Preferências de alunos-escritores em L2 com relação a estratégias de revisão de texto*).

A situação experimental pode ter exercido uma forte influência nas produções dos informantes, levando-os a monitorar suas narrativas mais atentamente (Marília dos Santos Lima em *Pronominalização em inglês e português por alunos brasileiros: Dados transversais e longitudinais*).

O que parece emergir dessas observações, a meu ver, é que nós, professores/pesquisadores, na medida em que participamos da própria

CARTA DO EDITOR

pesquisa, envolvendo-nos diretamente com os sujeitos, corremos um risco maior de ver os dados não como eles são mas como nós somos: vemos o que gostaríamos de ver e ouvimos o que gostaríamos de ouvir — tudo agravado pela esperteza ou solidariedade do aluno, que vai preferir dizer o que o professor vai preferir ouvir. O fato de os pesquisadores terem consciência dessa consciência cínica, me parece muito promissor.

NESTA EDIÇÃO

Nesta edição estamos publicando oito trabalhos, divididos em três categorias: pesquisa, ensaio e referência. Na parte da pesquisa, apresentamos quatro trabalhos sobre ensino e aquisição de língua estrangeira, envolvendo estratégias de comunicação, jogos didáticos, aquisição do pronome em inglês e reescritura. Na seção de ensaios, reflexões sobre a consciência cínica, o ensino da gramática sob bases semióticas e a questão dos limites, considerando o que deve estar dentro ou fora dos estudos lingüísticos. Finalmente, na seção *notas*, um estudo referencial sobre o uso da Internet no ensino de línguas. Resumidamente:

Cassio Rodrigues em *Estratégias de comunicação em uma língua estrangeira. A perspectiva da sala de aula* aborda o problema das estratégias de comunicação. Argumentando que os estudos sobre estratégias tem privilegiado situações de uso fora da sala de aula, o autor propõe-se a estudar o que acontece dentro de uma aula de alemão como língua estrangeira, fazendo um levantamento do que pode favorecer o surgimento das estratégias de comunicação. Entre os fatores que contribuem para o uso de estratégias está o postura do professor, criando um ambiente comunicativo em que as experiências pessoais dos alunos possam ser privilegiadas e a existência de um amplo processo de interação em que o aluno possa tomar a iniciativa do turno, escolher o interlocutor e determinar o tópico.

Rita de Cassia Tardin Cardoso em *Jogos jogados em sala de aula: os registros de campo e sua interpretação* faz uma revisão teórica e uma avaliação do potencial dos jogos pedagógicos para a aquisição da língua estrangeira, analisando situações distintas do uso de jogos por diferentes professores. A idéia é de que o jogo proporciona situações autênticas de uso da língua, favorecendo sua aquisição.

CARTA DO EDITOR

Em *Pronominalização em inglês e português por alunos brasileiros: Dados transversais e longitudinais*, Marília dos Santos Lima analisa a aquisição do pronome *it* por aprendizes brasileiros no Brasil e na Inglaterra. Os resultados mostraram o uso da estratégia do evitamento do pronome, um número maior de erros quando o pronome é complemento do verbo e o papel da transferência da L1 na L2. É possível, embora a autora necessariamente não autorize essa interpretação, que a influência da língua materna na aprendizagem e/ou aquisição da língua da L2, seja maior do que sugere a literatura. Assim, o que é apresentado como estratégia de evitamento, por exemplo, pode ser também influência da L1, já que o pronome muitas vezes é omitido em português. A questão da confiabilidade dos resultados também é abordado pela autora quando comenta que os alunos provavelmente produziram mais erros numa situação descontraída.

O que os alunos acham de reescrever seus textos? Que opiniões têm sobre o que é escrever bem? Que estratégias de revisão preferem para melhorar o que escrevem. Essas são algumas das perguntas que Adriana de Dellagnelo e Lêda Maria Tomitch tentam responder em *Preferências de alunos-escretores em L2 com relação a estratégias de revisão de texto*. Das três estratégias examinadas (revisão individual, revisão colaborativa e feedback do professor), a preferida foi o feedback do professor, ficando a revisão colaborativa como a menos apreciada. Algumas contradições entre as respostas dadas pelos alunos e a prática em sala de aula também são assinaladas pelas autoras.

Em *Salvai-os porque eles sabem o que fazem ou da consciência cínica à autonomia no cotidiano escolar*, Marcos Gustavo Richter levanta a questão da sinceridade nas pesquisas baseadas em questionários — onde o sujeito diz uma coisa, mas no fundo pensa outra. Richter demonstra essa contradição, através de uma experiência em pesquisa ação feita com alunos de estágio supervisionado. Dá um amplo embasamento teórico da consciência cínica, buscando subsídios na interface do psicanalítico com a ideologia até chegar no problema da falta de motivação do aluno, enredado no faz-de-conta, no jogo de encenação que muitas vezes caracteriza a sala de aula, subjugada pelo "conservadorismo tenaz" e pela "ausência de criatividade". Uma possível resposta para o problema, segundo Richter, é Pedagogia do Projeto, que pode não só atenuar a consciência cínica mas também levar o educando à conquista da cidadania e à construção de uma nova sociedade. Para isso, é preciso "rasgar" o antigo

CARTA DO EDITOR

contrato pedagógico e partir, numa operação conjunta, professor e aluno, em busca do mesmo objeto do desejo: o discurso sedutor.

Darcília Marindir Pinto Simões em *Metodologia do ensino da gramática sob bases semióticas* debate a questão do ensino da língua materna. Defende um ensino que não seja nem prescritivo, baseado na gramática normativa tradicional, nem descritivo, baseado numa terminologia vaga para o aluno, mas global, baseado no desenvolvimento das quatro habilidades lingüísticas e com ênfase na competência comunicativa, ou seja, o aperfeiçoamento do desempenho verbal oral ou escrito. A metodologia proposta para desenvolver essas habilidades é explorar as oportunidades de uso autêntico da língua, através de textos da imprensa falada e escrita, letras de música, bilhetes e da própria literatura. Apresenta uma análise interessante de um poema de Gilberto Gil.

O que Saussure, Chomsky, Pêcheux, Gadet, Maingueneau e Milner têm em comum? Segundo Maria Cristina Leandro Ferreira, em *Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua*, todos esses autores, independentemente de sua filiação teórica, tendem a ver a língua sob uma perspectiva dicotômica, constituída de pares opostos. Eis a lista: dentro e fora, interno e externo, centro e periferia, núcleo e bordas, gramatical e agramatical, possível e impossível, todo e não-todo, gramatical e hipergramatical, língua e discurso, universos discursivos estáveis e universos não-estáveis. Varia, como se vê, a terminologia usada para definir as oposições, subjacente à perspectiva teórica que lhe deu origem, mas a geometria permanece.

Na seção *Notas*, apresentamos um estudo feito pelo Prof. Sérgio Augusto Freire de Souza, da Universidade do Amazonas, sobre o uso da Internet no ensino e aprendizagem de línguas. A meu ver, traz tudo que um professor precisa saber, e nada mais do que ele precisa saber: conceitos básicos, incluindo a diferença entre lista de discussão e grupo de discussão, endereços interessantes, salas de chat, telefonia, regras de etiqueta (netiquete) e até normas para citação de trabalhos.

Vilson J. Leffa
Editor